Riscos e início de novo ano

NESTOR SOARES TUPINAMBÁ
é engenheiro, mestre em urbanismo e consultor de transporte
E-mail: nstupinamba@uol.com.br

Ano novo começando, votos, promessas quase nunca cumpridas. Não queremos correr riscos.

E ficamos no conforto da... mesmice! Afinal nada se faz sem riscos. Até a engenharia resolveu fazer uma padronização deles. Técnica obrigatória em grandes empreendimentos.

E então correrei riscos com esta crônica. Entrarei em caminhos diferentes... Afinal após uma longa estrada, sucessos e insucessos, vejo que mais aprendi com estes últimos. Nós engenheiros temos a cabeça treinada para o controle das forças da natureza usando-as em benefício da sociedade (às vezes não). Mas influenciados pelo controle tentamos controlar nossas vidas fora da engenharia e até a da família. Quando tentamos controlar nossos cônjuges e filhos, então, é desastre na certa. Tome, por exemplo, as DRs (discutir a relação) que só pioram as condições.

Então, lembrei-me, de uma conversa que ficou carimbada em minha mente, mas sempre tive receios de contá-la, já que entra por caminhos diferentes... E quem sou eu para discorrer pelo ID (o inconsciente, segundo Freud) de nossas cabeças? Mas, irresponsavelmente, vou por aí. Não me culpem de possíveis desastrosas influências.

Mas, certa vez, conversei longamente com um psicólogo da corrente lacaniana (de Jacques Lacan, francês, falecido recentemente), que, sem querer, deu-me uma "chave" usada por Lacan que achei muito prática e comecei a usá-la. Numa conversa interessante e para me explicar o conceito da técnica (e olhando para a minha barriga já crescidinha), perguntou-me com um sorriso sarcástico: "o que você deseja colocar na sua vida que não consegue e então põe comida dentro de você?".

Daí para frente fiquei um pouco intruso, mas não deixei de incomodar meus amigos (amigos mesmos!). A um deles que começou a ter problemas nas pernas, mas nada era detectado perguntei: "aonde você quer chegar (e sabe onde, mas posterga) e tem medo de atingir o local?". Após meu comentário sempre ouvia "O quê? Como?" etc. A uma amiga que em oito meses, apesar dos cuidados higiênicos, tivera seis tersóis, questionei: "o que você tem medo (e sabe que precisa ver) de enxergar na sua vida?".

Enfim e sem saber como não apanhei de meus interlocutores, que talvez tenham percebido que o que fazia era movido por uma boa intenção e então me perdoavam, prossigo com estas perguntas, às vezes inconvenientes. Mas o cérebro é um fiel executor, e cego, do que se passa pela nossa mente e obedece-a. Aí peço licença para lembrar Shakespeare (ao menos li como dele a autoria) "Na vida perdemos oportunidades mais por medo de arriscar e tentar do que pelas dificuldades da conquista". Ou Rabelais "Muitos não puderam quando deviam, pois não ousaram quando podiam".

E muitas vezes o "leão" que imaginamos, e fantasiamos, é um pequeno, e até simpático, gatinho!

E quanto tempo ficamos esperando, imaginando ameaças? Quanta vida desperdiçada! Será o tal "olhar no espelho" temendo ver um ogro? Freud dizia que nossa mente adia essa visão até que estejamos pronto para encará-la. E ao nos depararmos com nossa imagem, uma surpresa! Pode não ser um Tom Cruise, mas talvez um Tony Ramos, ou alguém nem feio nem bonito, simplesmente você! Aliás, como Fernando Pessoa versejava: "A tristeza às vezes é uma alegria que nasce sob o acaso de um disfarce. E não é isso que a vida é?". Ou Marcel Proust: "Em certa idade um pouco por orgulho, outro pouco por picardia, mas o que mais desejamos é o que fingimos não querer".

Bem entendido de que não falo da vida factual, mas, como já disse, arrisco pelos caminhos metafísicos, internos. Aqueles que, quanto mais obscuros, nos enganam, nos engessam e nos atrasam na vida. Como dizia Goethe: "Quem mais nos engana somos nós mesmos!". Não estou estimulando arroubos como "a vida é curta vamos comer e beber". Não! Vamos virar um cachaço e ainda diabético! E perda da autoestima e do seu guarda-roupa.

E cito novamente o grande bardo lusitano, Fernando Pessoa: "A vida é o que fazemos dela. As viagens são os viajantes. O que vemos não é o que vemos, mas senão o que somos".

Enfim é o que tinha a contar. Crônica recheada de citações, como convém em mudanças de ano e de novos votos. E observo que cito autores que, confesso, não li muito. Mas deles gosto...

E termino com mais dizeres como o de Proust: "Os fantasmas tem o fim de todos. Eles morrem quando morrem nossos medos".

E duas citações talvez menos eruditas, mas não menos importantes: "Não importa o que você consegue bater mas sim o que você aguenta apanhar!" Rocky Balboa (Stallone). E, ainda: "Na minha terra dá muita banana e muito aipim. O problema é achar quem os descasque por mim!" (Noel Rosa).

Um ótimo 2018, bem melhor do que 2107, e que venham os riscos!